As Possíveis Aplicações da Antropologia: O Museu da Cultura Hip Hop RS

Possible Applications of Anthropology: The Hip Hop Culture Museum RS

Diogo Raul Zanini
Museu da Cultura Hip Hop RS
Porto Alegre, Brasil
diogoraul@gmail.com
https://orcid.org/0009-0000-5204-2163

Recebido em: 05 de maio de 2025
Aceito em: 08 de junho de 2025

Resumo

Em Dezembro de 2023 foi inaugurado o primeiro museu do Hip Hop na América Latina: O Museu da Cultura Hip Hop RS (MUCHRS). Idealizado em 2019, na necessidade de salvaguardar histórias, trajetórias, e memórias de hip hoppers gaúchos, o MUCHRS tem se consolidado como um espaço onde a Cultura se apresenta viva e dinâmica, apresentando o Hip Hop na diversidade dos seus cinco elementos. O MUCHRS tem a contribuição de diversas áreas do conhecimento, notadamente as Ciências Humanas, como a Antropologia. O presente artigo traz a experiência da pesquisa em Antropologia a partir da trajetória do pesquisador e das metodologias elaboradas ao longo dos primeiros cinco anos do MUCHRS, da idéia a materialização. Situando a Antropologia Aplicada por Bruce Albert (2022), passando pelos estudos afro-brasileiros de Nilma Lino Gomes (2017) e a análise dos movimentos sociais por Maria da Glória Gohn (2012). O artigo convida a reflexão sobre o uso prático da Antropologia em espaços construídos pelos movimentos sociais.

Palavras-chave: Antropologia Aplicada; Museu; Hip Hop; Movimentos Sociais; Trajetória de Pesquisa.

Abstract

In December 2023, the first Hip Hop museum in Latin America was opened: The Museum of Hip Hop Culture RS (MUCHRS). Created in 2019, in the need to safeguard stories, trajectories, and memories of Rio Grande do Sul hip hoppers, MUCHRS has established itself as a space where Culture is alive and dynamic, presenting Hip Hop in the diversity of its five elements. MUCHRS has contributions from several areas of knowledge, notably the Human Sciences, such as Anthropology. This article presents the experience of research in Anthropology based on the trajectory of the researcher and the methodologies developed over the first five years of MUCHRS, from the idea to materialization. Situating Applied Anthropology by Bruce Albert (2022), passing through the Afro-Brazilian studies of Nilma Lino Gomes (2017) and the analysis of social movements by Maria da Glória Gohn (2012). The article invites reflection on the practical use of Anthropology in spaces built by social movements.

Keywords: Applied Anthropology; Museum; Hip Hop; Social Movements; Research Trajectory.

Antropologia Aplicada a Movimentos Sociais

A Antropologia enquanto área das Ciências Sociais, vem desde o seu surgimento provocando debates sobre os diversos povos, suas culturas, e suas organizações sociais e institucionais. Desde o seu início a Antropologia também se comprometia com os Estados e instituições que financiavam suas pesquisas, de modo a possibilitar uma aplicação do conhecimento construído. Segundo o antropólogo Bruce Albert (2022) essa aplicação estava empenhada em compreender processos administrativos dos povos, suas organizações sociais e políticas pela qual os Estados Nacionais executavam seus programas e fluxos de colonização, sejam dentro de seus próprios países, como os EUA, ou nações que colonizaram outras nações como a Europa em África. Tratou-se de um período onde a Antropologia estava de mãos dadas com o contato de povos subalternizados, que politicamente eram tratados como minorias dentro de um espectro hegemônico consolidado pelo colonialismo branco ocidental.

> "A antropologia aplicada, associada às administrações coloniais e depois às burocracias indigenistas nacionais, esclarecidas ou não, apenas representou, para as minorias que são o objeto dela, um desvio do conhecimento etnográfico a serviço da tutela dos Estados-nação, que lhes impõe hegemonia (Albert 2022:186).

Desde os anos 1960 até a atualidade podemos falar de uma Antropologia aplicada ou implicada, ou da aplicação da Antropologia em organizações governamentais e não governamentais, nos movimentos sociais, coletividades, nos processos de socialização, formativos, e institucionais. Essas atividades estariam ligadas em questões fundiárias, direitos humanos e minoritários, e formação continuada em diversos campos de atuação como: *Atividades de mediação e de testemunho; Pesquisa documental; Pesquisa ação; Trabalhos de etnografia didática* (Albert 2022).

> "...portanto, o grande mérito da "antropologia implicada" é, sem dúvida, além da sua óbvia relevância ética e política, contribuir a dissolver a interminável oposição entre antropologia teórica e antropologia aplicada, em benefício da ideia, infinitamente mais atraente e produtiva, de uma investigação antropológica fundamental investida intelectual e socialmente na situação histórica das sociedades que estuda, capaz de mobilizar as suas competências a favor da sua conquista de autodeterminação." (Albert 2022)

Neste sentido este texto é fruto de uma Antropologia que tenta se fazer comprometida eticamente em termos teóricos, metodológicos, onde a minha subjetividade como antropólogo escolheu se engajar por este caminho, por reconhecer o legado da Antropologia Brasileira empreendida desde a

constituinte de 1988 em diante. Onde os problemas brasileiros, das desigualdades étnico-raciais, sociais, ambiental, e de gênero se colocaram como centrais para a compreensão do Brasil, suas contradições e potencialidades.

Nas páginas a seguir trarei um breve histórico de como o MUCHRS foi concebido e estruturado a partir das pesquisas que foram estruturadas por áreas do conhecimento científico como a Antropologia, Museologia, e Sociologia.

O presente texto se apresenta como um relato e um exercício reflexivo de um antropólogo, atuando como tal, na criação do Museu da Cultura Hip Hop do Rio Grande do Sul - MUCHRS[1]. A referência escolhida para trazer a relação entre a Antropologia e o MUCHRS foi a Pesquisa Histórica produzida em 2021, pela equipe constituída pela Associação da Cultura Hip Hop de Esteio[2] - ACHE, para construir o Museu. A Pesquisa Histórica, foi o principal instrumento para construir as narrativas do que vem a ser a História do Hip Hop no Estado do Rio Grande do Sul.

A ACHE[3] é a entidade do movimento Hip Hop que projetou, construiu e que gere o MUCHRS. Para chegar nesse contexto de tornar viável a construção do Museu foi necessário que a entidade passasse por experiências institucionais, como a criação da Casa Cultura Hip Hop de Esteio, culminando na possibilidade de construir um museu para a cultura Hip Hop no RS. A ACHE, como qualquer entidade, foi fundada por pessoas, no caso específico por ativistas e artistas da cultura Hip Hop, os quais nos referimos como categoria êmica *hip hoppers*.

Então situaremos a leitura do artigo em três momentos: primeiro, situarei a ACHE a partir do ponto de vista de alguns de seus fundadores. Em segundo trarei um breve histórico de como a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio - CCHE foi criada. E em terceiro como o MUCHRS foi concebido e estruturado a partir das pesquisas que foram estruturadas por áreas do conhecimento científico como a Antropologia, Museologia, e Sociologia.

Antes de situar o histórico da ACHE e do MUCHRS é importante informar que a Cultura Hip Hop surge nos anos 1970 nos Estados Unidos da América, a partir da imigração afro-caribenha, notadamente jamaicana, porto riquenha, e haitiana, que se assentou em bairros negros de grandes cidades dos EUA, como Nova York, entre outras (Zanini 2017; 2023). A Cultura Hip Hop possui 5 elementos principais, o MC, o DJ, o Breaking, o Graffiti (as quatro artes), e o Conhecimento.

---

1 Acesse o perfil do Museu no Instagram https://www.instagram.com/museuhiphoprs/ e o site https://museuhiphoprs.com.br/

2 Esteio é um município da região metropolitana de Porto Alegre, distante aproximadamente 27km da capital, é atendido pelo Trensurb, o trem urbano, que liga várias cidades da RM, por isso se diz que ele faz parte da "Linha do Trem".

3 Para conhecer mais a ACHE acesse o perfil do Instagram https://www.instagram.com/achesteio/

Segundo o DJ e pesquisador Péia[4] no Brasil o Hip Hop surge entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a partir dos chamados bailes blacks (Maffioletti 2013). No Rio Grande do Sul o Hip Hop surge no mesmo contexto, acolhido por gerações de artistas e ativistas (popularmente chamados de *artivistas*) negros que estavam envolvidos com festas e atividades culturais e que abriram suas portas paras as juventudes que emergiam a partir do Hip Hop.

O ativismo no Hip Hop se organiza coletivamente em busca de uma cidadania plena. Cidadania coletiva, engajada, que no caminho de suas reivindicações produz conhecimentos e se educa nesse processo político de disputa por políticas públicas e reconhecimento de suas identidades. O debate suscitado aqui, diz respeito a potência das práticas socializadoras educacionais do Hip Hop, fundadas a partir do diálogo do pertencimento e afirmação de seus modos de vida, e que neste artigo não terei a oportunidade de aprofundar. Quando educadore(a)s do Hip Hop, e aqui trago a leitura do hip hoper, e pesquisador do tema, Chiquinho Divilas[5] (Claudio, 2018), dizem que a escola não dá conta da realidade de seus estudantes e que uma das chaves para enfrentar essa situação é justamente abrir a escola para um diálogo. Os hip hoppers estão chamando a atenção para um diálogo centrado culturalmente, em um movimento que luta por direitos não só das juventudes, mas de toda uma população subalternizada e alijada dos direitos civis mais básicos e do próprio direito a existência em sua complexidade de ser no mundo.

O Hip Hop no Brasil tem a mesma origem das culturas afro-diaspóricas, cuja interpretação da realidade se estrutura em expressões artísticas, culturais, e educacionais. Cujas narrativas estão relacionadas a busca coletiva por cidadania plena que reconheça a diversidade cultural e acesso as políticas públicas para jovens, pessoas pobres, periféricas, pretas e pardas, indígenas, mulheres, LGBTQIAPN+[6], etc.

Associação da Cultura Hip Hop de Esteio e seus Projetos

Vamos conhecer um dos quatro fundadores da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio[7], e da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio, trazendo um pouco de seu histórico e das atividades que nela ocorrem. Rafael Diogo dos Santos, o rapper Rafuagi, é um dos idealizadores da ACHE e da CCHE. Através dele aprendi mais da história da ACHE e da CCHE, além disso, sua trajetória nos

[4] DJ Péia, ou Cássio Maffioletti, é formado em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia pela UFRGS. Sendo meu contemporâneo na graduação.

[5] MC Chiquinho Divilas, é Mestre e Doutor em Diversidade Cultural pela FEEVALE.

[6] LGBTQIAPN+ é a sigla pela qual se identificam a população lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários, etc.

[7] As entrevistas que embasam este artigo foram realizadas durante o meu processo de doutoramento e extraídas da minha tese.

provoca a problematizar também as experiências relativas à iniciativa de criação de frentes de ação como esta. Compartilho aqui uma breve descrição de sua iniciação no Hip Hop:

> Eu conheci a cultura Hip Hop no ambiente escolar. É isso, eu estava na oitava série. Com o professor de história, incrivelmente um professor de história. Por isso, eu tenho muita ligação com a história hoje. Ele levou um rádio para sala de aula para trabalhar a história a partir de uma música. Não recordo que música era, mas era um *rap*. E quando eu cheguei em casa, então, minha mãe tinha trazido um CD de uma rádio comunitária que tinha um *rap* também, e era Dr Destino, do Da Guedes. Então, quando eu escutei ali, eu senti que era aquilo que eu queria fazer. Dois anos depois, eu virei amigo do Nitro Di, em 2004. Então, foi um lance muito rápido assim da minha vida, que eu não era ninguém assim no cenário tanto musical, quanto no Hip Hop. Em 2 anos, eu me lançava a nível Municipal. (Santos, 2022)

Rafa Rafuagi, que é do grupo de rap Rafuagi, também revela uma narrativa histórica sobre seu início no movimento Hip Hop em Esteio.

> [...] eu virei amigo do Nitro Di em 2004, então foi um lance muito rápido assim da minha vida, que eu não era ninguém assim no cenário tanto musical, quanto no Hip Hop e em 2 anos eu me lançava a nível municipal.
> E aí as pessoas que me ajudaram no início, como o Didão, o Beba do J Clip, o próprio Cleiton. A gente ensaiava na casa do Didão. Didão era tipo o Helião de Esteio, tá ligado Helião do RZO (grupo de rap de São Paulo), tinha a laje que se juntou ali DBS, Sabotagem, Dina Di, Negra Li, e aqui em Esteio o Didão era tipo o Hélião de Esteio tá ligado na casa do Didão se encontrava o Timão, o Dom R e que hoje está no Rio, eu que era o iniciante, o Salins, Timão, Cleiton enfim o Benego, JBA que era o nome do mano que cantava também, então todo mundo se encontrava ali, então tipo a gente não só trocava letra como via alguém compor na hora ali, que tu já pegava a inspiração, então ali foi o início para mim. E aí eu que era de Novo Esteio e se reunia na Pedreira, daí eu que era de Novo Esteio, era só atravessar a federal no viaduto, era dois toque eu tava fazendo o trânsito ali entre o meu bairro e a Vila, justamente podendo trocar e fazendo com que outros grupos surgissem no bairro também além do meu, naquele momento no bairro o único grupo era o meu. (Santos, 2022)
> [...] E aí o movimento Hip Hop de Esteio, é muito mais antigo do que eu ou essa geração que eu tô falando. Ele começa lá com o pessoal do JClip, que inclusive são pioneiros do Hip Hop no Estado cara. O JClip, eu acho que, foi o primeiro grupo de rap do Estado tá ligado, lançou o Rap do Sul, que é uma música de sucesso deles que os levaram ao Rio de Janeiro nos anos 90, 90 e poucos, talvez antes dos Racionais lançarem disco, tá ligado? Então é um marco histórico, só que eles misturavam Rap com Charme, então por alguns momentos a galera não levou tão a sério eles por essa mistura com o Charme. (Santos, 2022)

Essa fala traz a tona uma descrição histórica de sua inserção no Hip Hop, e a reflexão sobre seu o pertencimento na cultura Hip Hop se dando nos processos de socialização, no reconhecimento de si em relação aos outros hip hoppers, aos coletivos, e os grupos que já estavam em evidencia, se tornando referências para a própria trajetória dele. Após a sua entrada no Hip Hop Rafuagi começa a se envolver e a se comprometer com as pautas dos coletivos aos quais está inserido. Neste sentido os processos coletivos ao qual ele protagonizou junto a outros ativistas podemos destacar a criação da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio.

Segundo Rafa, do grupo de rap Rafuagi, a ACHE surgiu durante o processo de reivindicação de uma lei municipal para realização anual da Semana do Hip Hop de Esteio. Na esteira da lei da Semana do Hip Hop de Porto Alegre[8], o movimento em Esteio começou o processo para implementar a semana em seu município. O movimento Hip Hop de Esteio alcançou este feito em 2011, através da ocupação da Câmara dos Vereadores, a fim de pressioná-los para a aprovação da lei, a Lei Ordinária nº 5.325. Nesse percurso, entenderam a criação da Associação como um instrumento para organizar a Semana recém instituída na cidade. Ela surgiu, então, como Associação do Hip Hop de Esteio (AHHE), mantendo esse nome até 2016, quando passou a se chamar Associação da Cultura Hip Hop de Esteio (ACHE). Em 2016, a associação obteve o seu Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), visando criar um centro cultural para o Hip Hop no município. Segundo seu Estatuto, a ACHE tem como finalidades produzir uma variada gama de atividades, que envolvem promoção da cultura Hip Hop, articulação, geração de renda, reconhecimento e educação. Segue um trecho do Estatuto da ACHE:

> Art. 3° - A ASSOCIAÇÃO tem como objetivo social:
> II. Fortalecer atividades econômicas conjuntas, especialmente relacionadas à Cultura Hip Hop e as artes em geral, tais como cursos técnicos e profissionalizantes nas mais diversas áreas;
> III. Promover eventos socioculturais tendo como base a Cultura Hip Hop;
> IV. Promover atividades educacionais por meio de oficinas, palestras, cursos, entre outros;
> V. Interagir com entidades educacionais, culturais ou sociais públicas ou privadas a fim de desmistificar e divulgar as muitas vertentes da Cultura Hip Hop;
> VI. Incentivar o desenvolvimento e o intercâmbio nas relações interpessoais ligadas a cultura Hip Hop e demais movimentos culturais;
> VII. Fomentar o convívio com outras entidades no âmbito educacional, cultural ou social, com o objetivo de ensejar oportunidades a ativistas e artistas de todo o Município de Esteio em eventos de nível nacional e internacional;
> VIII. Realizar a comercialização, divulgação e promoção para pessoas físicas ou jurídicas das atividades e ou produtos oriundos de seus associados(as) e das mais diversas fontes parceiras ao desenvolvimento artístico cultural da entidade e de seus membros.
> (Estatuto ACHE, 2016)

De 2016 até aqui a ACHE mantém basicamente cinco projetos. Estes projetos e ou ações nos ajudam a pensar a organização e a realização do movimento Hip Hop em Esteio e para além dele:

1. A Semana Municipal do Hip Hop de Esteio, descrita anteriormente, foi a primeira reivindicação do que veio a se tornar a ACHE. Acontece anualmente, durante a segunda quinzena do mês de novembro.
2. A Batalha Resta 1: acontece todo segundo sábado de cada mês. “Resta 1” tem o sentido, aqui, dos/as inscritos/as batalharem até restar 1. A batalha foi sediada na Casa de Cultura de Esteio e depois foi para o Paço Municipal, na frente da Prefeitura de Esteio. Mas, devido a

[8] Em Porto Alegre a Semana do Hip Hop foi instituída pela **L**ei Ordinária nº 10.378 de 2008.

discordâncias da gestão municipal atual, a Batalha ocorreu na CCHE. Segundo Rafa, é a batalha que mais paga premiação no RS. Em 2019, a etapa estadual de classificação para o "Duelo de MCs" Nacional foi realizada na CCHE.

3. Casa da Cultura Hip Hop de Esteio: trataremos na sequência deste texto.
4. UPMS: A Universidade Popular dos Movimentos Sociais Vozes da Periferia surge a partir de 2018, após a ida de Rafa Rafuagi para a reunião do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), em Buenos Aires, Argentina. Durante o evento, Rafa conheceu outras lideranças que participavam de UPMS em outros países. Desde esse diálogo, apoiado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, a ACHE começa o processo de construção de uma UPMS, agregando a noção de "Vozes da Periferia": um espaço onde o pensamento popular construiria conhecimento e se ouviria. O primeiro curso promovido pela UPMS Vozes da Periferia foi realizado em 2019, tendo a parceria de organizações do movimento negro como o IACOREQ[9].
5. Museu da Cultura Hip Hop RS: trataremos mais adiante neste artigo.

O Primeiro Passo Materializado: A Casa da Cultura Hip Hop de Esteio

No dia doze de novembro de dois mil e dezessete (12/11/2017), em Esteio, na região metropolitana de Porto Alegre, a Associação da Cultura Hip Hop de Esteio (ACHE) inaugurou um espaço dedicado exclusivamente à cultura Hip Hop no Estado do Rio Grande do Sul: a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (CCHE). A data da inauguração teve como referência a Zulu Nation[10], primeira organização do Hip Hop, fundada no mesmo dia 12 de novembro, a cinquenta e dois anos atrás, em 1973. Organizada e gerida pela ACHE, a CCHE completará 8 anos de atividades até o final de 2025. A Casa começa com práticas ligadas a oficinas dos cinco elementos da cultura Hip Hop, mas, ao longo do tempo, ela começa a se engajar em outras pautas, como o Programa Hip Hop Alimentação, que há dois anos distribui alimentos para famílias carentes na região de Esteio. Podemos dizer atualmente que esse programa é o que demanda mais presença física na CCHE para organizar a distribuição dos alimentos.

Em 2013, a ACHE havia conseguido recursos para fazer uma casa do Hip Hop. A verba foi pleiteada via Consulta Popular, um instrumento municipal criado para democratizar a distribuição de recursos públicos a partir de demandas colocadas pela população de Esteio. Mas o poder público municipal e estadual, que estava gerindo o recurso, de origem federal, não repassando a verba para

[9] Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos https://www.instagram.com/iacoreq/
[10] A Zulu Nation foi a primeira organização do Hip Hop no mundo: https://www.zulunation.com/

a ACHE. Passaram-se três anos nessa situação, o que desacreditou algumas pessoas sobre a construção da Casa do Hip Hop.

No final de 2016, a ACHE conseguiu o contato com dona Flora, médica aposentada pelo Exército Brasileiro. Dona Flora possui uma casa, construída junto com seu marido, Sr. Jesuíno, já falecido. Segundo Rafa, a dona Flora lhe contou que o sr. Jesuíno gostaria que a casa abrigasse projetos sociais. Então, no dia 13 de fevereiro de 2017, dona Flora assinou o termo de comodato de cinco anos com a ACHE para a construção da Casa de Cultura do Hip Hop. Daí nasce a *Casa da Cultura Hip Hop de Esteio Dona Flora e Jesuíno*.

Quando observamos a CCHE operando, grafitada, recebendo um público diverso, em diversas atividades, nos perguntamos como foi possível viabilizá-la. Foram alguns anos de mobilização até que, em 2017, a casa finalmente sai do papel, e se materializa em Esteio. Quem nos traz com densidade esse histórico é Rafuagi:

> A gente também já tinha ideia porque em 2012 a gente troca ideia de criar uma casa ali, então em 2013 a gente viu a oportunidade de efetivar essa ideia da casa do Hip Hop, porque tinha a consulta popular. A gente se inscreveu, foi para a Câmara de Vereadores. Toda a cidade tinha demandas da saúde, segurança, educação, meio ambiente e na Praça da Cultura só podia ter uma demanda que a gente conseguiu por unanimidade. Então em 2013 quando a gente fala na Consulta Popular, a gente teve a oportunidade de efetivar a ideia da casa, então a gente fez uma demanda na cultura de Esteio para criar uma casa da cultura e aí então foi para votação pública, se eu não me engano em agosto de 2013, e a gente, em dois dias, era uma votação online e uma votação presencial. Na online, a gente não foi tão bem. Eu acho que a gente fez cento e poucos votos na online, mas no presencial a gente estourou a boca do balão: 18 mil votos e isso nos deu condição de ganhar um recurso de R$ 258.000,00 (Santos, 2022).

Segundo Rafuagi, esse recurso não foi repassado pelo Governo do Estado. Em 2014 a ACHE teve direito a mais um recurso que também não foi pago. Em 2015 mudou a gestão do governo estadual que também não repassou o dinheiro para associação. Os três anos de expectativa, em receber o recurso, acabou por desmobilizar o Fórum do Hip Hop de Esteio. A proposta da construção da Casa do Hip Hop de Esteio só foi retomada em 2016 a partir de um diálogo com a Dona Flora e sua família:

> Então 2016 numa última tentativa nossa, a gente conseguiu contato com a Dona Flora, e a partir desse contato, se origina, por exemplo, uma cobrança que eu fiz na prefeitura, para o prefeito quando ele tava saindo. Então a gente pode conhecer Dona Flora e, a partir dela, houve uma sensibilidade para que no dia 13 de fevereiro de 2017 a gente assinasse um contrato de comodato com ela para poder entrar aqui e aí foi um contrato de cinco anos renovável (Santos, 2022).

Esta fala nos remete ao trabalho de articulação entre o movimento Hip Hop com os movimentos populares de Esteio e com o poder público municipal e estadual. Mostra também que mesmo desamparado pelo poder público o movimento se articulou, e a partir da relação com dona Flora conseguiram efetivamente tirar do papel o projeto da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio. Podemos pensar que essa articulação se dá tanto na esfera da mobilização política e social quanto na própria legitimação que o campo artístico e cultural propícia para os hip hoppers, no caso aqui do rapper Rafuagi[11], abrindo as portas para consolidar as suas diversas frentes de luta como a CCHE.

> O manifesto Porongos me colocou numa situação de articulação com a Karen Louise, que é a secretária executiva do reforço. Hoje ela trabalha com um deputado delegado preto e a Karen me convidou para um debate do Itachi. Foi quando eu aderi ao refletir no sentido de ser elas por elas, vai estar aberto para construção. E a partir daí, tem uma sociedade melhor. Eu não participo desse debate se eu não me engano em 2016. E no mesmo debate, eu conheci o Davi Medina que era na ocasião o presidente da Fundação Escola Superior do Ministério Público, onde a gente executou o primeiro curso da UPMS e também ele era um promotor de justiça do Ministério Público Estadual. Conheci a juíza auxiliar da presidência do TRT 4, a Andreia Norte. Andreia também, além de ser das causas de esquerda, ela é dos movimentos sociais também, só que era uma juíza. Andréia me apresenta a Beatriz Renck. Beatriz Renck na ocasião, naquela época em 2016, ela era presidenta do TRT4 - Tribunal Regional do Trabalho da 4ª região do Estado do Rio Grande do Sul. Assim que se iniciou a parceria do MPT houve a destinação de um termo de ajustamento de conduta - TAC, no valor de 150.000 em 2017 para a reforma da casa. Tudo isso que a gente tá vendo aqui. Esse banco, esse deck, tudo que tem aqui nesse jardim, tudo foi com esse drama que a gente contou, essa estradinha que foi tudo que a gente fez foi com esse recurso. (Santos, 2022)

Para dialogar com o Rafa Rafuagir trago a fala do Geovane Neves[12], um dos fundadores da ACHE e da CCHE. Geovane complementa a fala de Rafuagi sobre a dinâmica de operação da casa a partir dos projetos que a CCHE executa.

> Tem a Casa, dentro da Casa tem as oficinas dos 5 elementos, que a gente desenvolve, inclusive, fora da casa também, principalmente por conta da pandemia, a gente fez alguns projetos online, e vai executar também alguns projetos online num futuro breve. A gente tem também dentro da Casa ainda, um estúdio de gravação, que a gente iniciou antes de 2019, antes da pandemia, é uma coletânea. Enfim, a Casa é enorme, cada um dos elementos principais tem a sua sala dedicada às oficinas como eu falei. E aí para além da casa a gente tem, podemos colocar para dentro da casa também, que é o Hip Hop Alimentação, que é para além de um projeto, um programa continuado que visa a segurança alimentar. A gente recebe doações de órgãos públicos e privados; a gente converte esses recursos financeiros em cestas básicas e distribui para famílias que estão cadastradas. Tem também, para além da CCHE, a Semana da Cultura Hip Hop de Esteio, como eu falei, a gente fez algumas edições e agora estamos em um hiato por conta das demandas de trabalho. Temos a Batalha Resta 1, que também acontecia mensalmente durante o ano inteiro e aí, no final do ano, uma batalha com todas as pessoas que ganharam durante o ano. Temos também a UPMS

[11] O Manifesto Porongos que o Rafugi cita é uma música que denuncia o massacre ocorrido durante o evento conhecido como guerra dos farrapos, ou revolução farroupilha, para conhecer a música acesse https://www.youtube.com/watch?v=YkHY4A14Gg8

[12] Geovane foi um dos fundadores da ACHE, da CCHE e do MUCHRS, era o coordenador administrativo da ACHE. Ele me cita pois também participei de algumas ações da UPMS.

> que a gente executou a primeira edição em 2019; a Universidade Popular dos Movimentos Sociais, o Vozes da Periferia, que o Diogo fez parte, muito legal, em 2019. E agora o Museu da Cultura Hip Hop do Rio Grande do Sul, que está sendo desenvolvido desde então, que o Diogo também fez parte, bastante parte, inclusive tu Diogo, chegou em algum desses eventos, acho que foi alguma troca de saber, não me recordo (Silva, 2022).
> Ah, tem as trocas de saberes também, que são eventos que acontecem por demanda, quando tem alguém que tem algum conhecimento que queira dividir, a gente faz um evento e divulga. É bem bacana também; eu particularmente gosto bastante desses momentos; é o momento que muitas vezes a gente consegue aproximar o público com alguma pessoa que não necessariamente consegue ter um espaço para trocar uma ideia sincera. Ah, dentro da Casa tem a biblioteca também, que é algo interessante de se falar, que por hora tá em *stand by* por causa desses outros projetos. Acaba que as pessoas têm interesse em participar mas acabam não conseguindo, e aí a gente tem poucas pessoas para poder executar. Olha, acho que falei de tudo (Silva, 2022).

Rafuagi focou sua narrativa embasada na articulação social e política para realizar os projetos da ACHE. Já Geovane, que foi coordenador administrativo, foca mais para dentro da CCHE, a partir das atividades realizadas internamente na casa. Ao se colocar nelas, reflete sobre a importância de construir espaços de diálogo entre os sujeitos que fazem parte do Hip Hop e pessoas que não necessariamente estão envolvidas com algum dos cinco elementos, entre outras atividades ligadas diretamente ao Hip Hop.

Nos relatos do Rafuagi e do Geovane, a Batalha Resta 1, a UPMS (dois dos cinco projetos já mencionados anteriormente), e a CCHE são colocados como espaços relevantes na trajetória de ambos enquanto hip hoppers. É o caso da Aretha Ramos, organizadora da Batalha do Mercado e que hoje é Coordenadora Geral e Administrativa da ACHE. Das batalhas em praças e espaços públicos para a gestão de entidades do Hip Hop, das disposições[13] para crer, incorporando traços disposicionais para agir, as batalhas ocorrem de grosso modo nas ruas e nas praças das cidades, e atualmente nas casas e espaços físicos do Hip Hop. É necessário planejamento, organização, distribuição e atribuição de tarefas e responsabilidades individuais e coletivas que demandam o mínimo de conhecimento, engajamento e de pertencimento por fazer parte de uma batalha. E esse acúmulo de experiências coletivas e trajetórias propiciaram a construção de espaços físicos como a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio e o Museu da Cultura Hip Hop RS.

Como Criamos o Museu da Cultura Hip Hop RS?

Entre 2019 e 2020, o Museu da Cultura Hip Hop RS (MUCHRS) era um projeto que ainda não havia sido efetivado pela Associação da Cultura Hip Hop de Esteio (ACHE). No final de 2020,

[13] Disposição aqui se conceitua a partir da Sociologia de Bernard Lahire, quando situa os traços disposicionais para crer e agir nos processos de individuação dos sujeitos, e que na minha tese relacionei com os processos de socialização apreendidos no Hip Hop em seus cotidianos e suas organizações coletivas.

iniciou-se os primeiros movimentos do processo de construção do MUCHRS. O primeiro passo dado foi a realização de uma pesquisa histórica e de um projeto de coleta de acervo que tivessem uma abrangência estadual. Então, em 2021, foi criada uma equipe para conduzir e coordenar a Pesquisa Histórica, essa equipe foi formada pelo Instituto Fidedigna, presidida pela socióloga Aline Kerber, eu fui contratado por este instituto para atuar como antropólogo nesta pesquisa. Depois, foi criada outra equipe para coleta de acervos, que foi coordenado pelo museólogo Fúlvio Botelho Dickel[14], e que ficou conhecido como o projeto *Na Estrada*.

Para contextualizar historicamente a Cultura Hip Hop e seus protagonistas no RS, trarei de forma sintética a Pesquisa Histórica realizada pelo Museu. Devido à sua abrangência nas 9 (nove) regiões funcionais do Estado, atingindo 46 municípios, a Pesquisa Histórica foi o estudo mais amplo realizado até agora no Estado, foi praticamente um "*Censo da Cultura Hip Hop no RS"*. Esta pesquisa não é fruto direto dos estudos realizados para a minha tese de doutorado, porém contou com a minha participação enquanto pesquisador e membro da Cultura Hip Hop e eu incorporei ela na tese. Foi importante ter participado dessa pesquisa, por ter me dado a possibilidade de conhecer mais hip hoppers e histórias ligadas à cultura e ao movimento Hip Hop aqui no Estado, as redes e as possibilidades de emancipação a partir dessa cultura. A Pesquisa Histórica foi financiada pelo Programa Pró-Cultura da Secretaria de Cultura do Estado do RS. A ACHE foi a coordenadora geral, e a coordenação metodológica, de coleta de dados e análise desta pesquisa, foi coordenada pelo Instituto Fidedigna.

A organização da pesquisa foi dividida em duas frentes (Figura 8): uma coordenada pela ACHE, que foi nomeada *Equipe ACHE*. Esta equipe foi formada por 36 hip hoppers, sendo 21 homens e 15 mulheres, a maioria formada por MCs.

[14] Fúlvio foi MC nos anos 1990. Este ano ele defendeu a sua dissertação de mestrado na Museologia da UFRGS.

Figura 1 - Equipe ACHE



Fonte: Relatório final da pesquisa histórica do MUCHRS, 2021

A coordenação desta equipe ficou por conta dos coordenadores da ACHE e os articuladores e pesquisadores por hip hoppers ligados diretamente ou não à ACHE.

A segunda frente foi nomeada como pesquisadores externos. O Instituto Fidedigna - entre outros parceiros ligados à produção cultural, à curadoria museológica, de arquitetura e de design - compõem esta equipe. Eu participei desta equipe de pesquisadores conjuntamente com a Aline Kerber - socióloga e diretora do Instituto Fidedigna - e que também coordenou a pesquisa.

Figura 2 - Pesquisadores externos



Fonte: Relatório Final Pesquisa Histórica MUCHRS (2021)

Com a equipe de trabalho formada e organizada, começou o processo da pesquisa, cujo relatório foi publicado no site[15] da ACHE. Seus objetivos centrais foram os seguintes:

[15] Acesse o site da ACHE pelo link http://achesteio.com.br/

1. Levantar perfis e características dos protagonistas dos hip-hopers gaúchos
2. Definir conceitos da cultura por década e elemento
3. Compreender as influências culturais locais, nacionais e internacionais no RS
4. Levantar nomes de pioneiros e de projetos destacados
5. Plano de Década para o Hip Hop gaúcho
6. Levantamento inicial de acervo para o Museu

A metodologia da pesquisa histórica iniciou com uma pesquisa exploratória através de grupos de discussão, chamados aqui de grupos focais[16], com lideranças atuais e históricas do movimento no RS, que deram origem aos instrumentos de pesquisa seguintes. Depois, aconteceram os fóruns de discussão online em cada região do Estado, com roteiro e metodologias pré-definidas. Por fim, foi aplicada uma pesquisa online com questionário semi-estruturado preenchido pelos participantes dos fóruns e público do projeto, por bola de neve[17]. Como conclusão do processo de pesquisa foi feita uma apresentação pública com debates sobre os resultados encontrados, sobretudo em relação ao recorte de gênero, de raça e de região, e à publicação do relatório final[18].

A primeira etapa consistiu em realizar um pré fórum a partir de cinco grupos focais de 10 pessoas em média em cada, e com duração de 2h a 3h, sendo um geral com membros mais articuladores da cultura e outros quatro separando os participantes pelos cinco elementos. Nesses grupos focais foram trazidas questões, ideias, sentidos, palavras-chave pelos participantes e, posteriormente, construídas as categorias de análise que resultaram na elaboração dos formulários, tanto nos fóruns quanto no pós-fórum, com roteiro e questionário online respectivamente, aplicando um pré-teste com eles. Os grupos focais foram espaços de diálogo, debates, de refletir o passado. Onde o objetivo era que os ativistas do Hip Hop falassem abertamente sobre a história da cultura Hip Hop que eles vivenciaram e acessaram pela oralidade de outros ativistas, entre outras formas de aprendizado e apreensão na cultura Hip Hop do RS, como vemos no trecho abaixo:

> Hoje os mais velhos do Hip Hop, o Nelson Triunfo, tem 65 anos, galera! E como a gente se comunicava? Com zine, não tinha Whatsapp. Como a gente conseguiu construir uma cidade do Hip Hop? Acho que essa memória afetiva…tu não era aquela que estava lá? Gente, estamos falando de 2004/2005...eu novinha no vídeo, vocês não imaginam a emoção, com a Flor do Gueto, faz a gente chorar para caramba. Olha aqui a mamãe, filha, entendeu?! É

[16] Grupos focais, neste caso, eram grupos formados por ativistas do Hip Hop e guiados por eixos temáticos conduzidos pela coordenação da pesquisa. Foram a partir destes grupos que se pensou o instrumento de pesquisa para um público mais amplo de hip hoppers no RS.

[17] A técnica Bola de Neve ou snowball, consiste em uma forma colaborativa de ampliar o alcance da amostra. Na prática cada hip hoper que participou de alguma ação da Pesquisa Histórica indicava algum(a) hip hoper para participar da pesquisa também, aumentando o número de hip hoppers participantes da amostra da pesquisa.

[18] A apresentação da pesquisa está neste link https://www.youtube.com/watch?v=z16_nrptwH0&t=403s

> muito difícil segurar a emoção porque é muita luta. (Grupo Focal 5, fala da Malu Viana, 12/07/21)

Foram elaborados o roteiro e a metodologia dos fóruns regionais. E também foram feitos os convites e o cadastro dos embaixadores do Hip Hop por região do Rio Grande do Sul. Os grupos foram realizados de forma remota, o que contribuiu para que hip hoppers do Estado todo colaborassem com esta primeira etapa, convidando as suas redes para participarem dos fóruns de cada região.

Na segunda etapa da pesquisa foram realizados os fóruns regionais. O critério de escolha das regiões seguiu a divisão funcional do Estado que se distribui em 9 (nove) regiões. Tomando como referência o município pólo de cada região, organizou-se o cronograma dos fóruns nos municípios de Santo Ângelo, Caxias do Sul, Passo Fundo, Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Esteio, Tramandaí, e Pelotas. Devido a pandemia, e também para facilitar o acesso de hip hoppers de diversas cidades, os fóruns foram realizados de forma online. A divulgação e os convites foram feitos, inicialmente, nas redes sociais do Museu, nos grupos do WhatsApp e por envio de mensagem direta para hip hoppers de cada região.

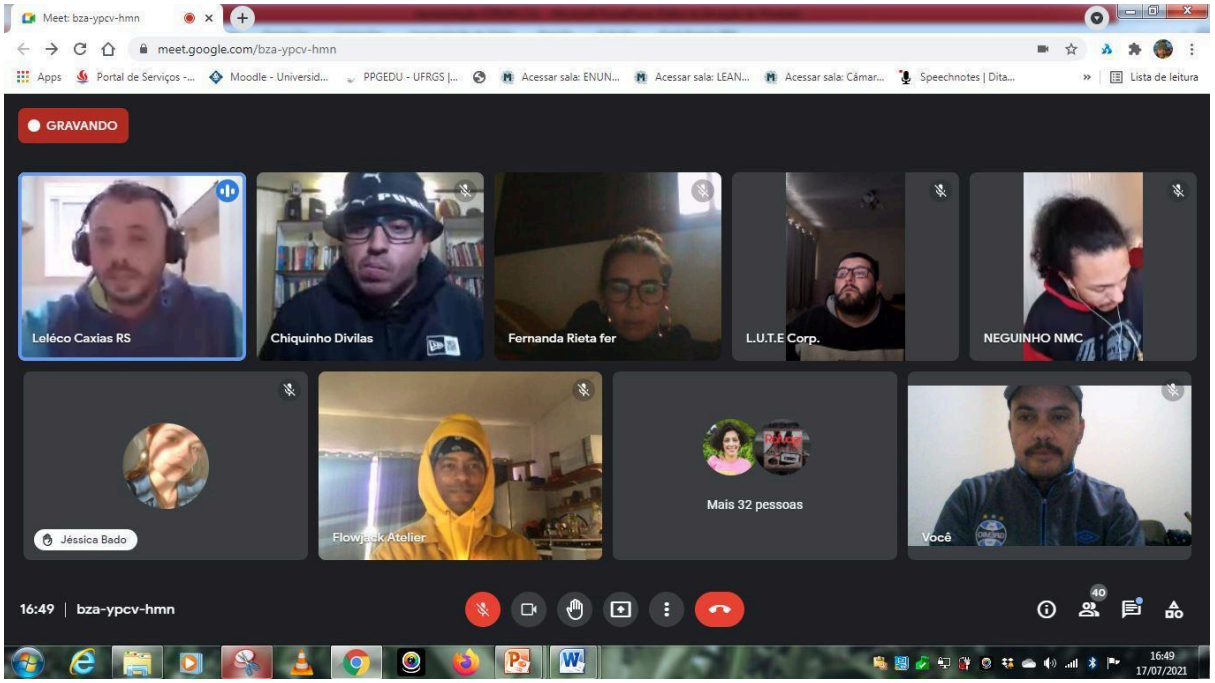
Figura 3 - Card do Fórum Caxias do Sul (Exemplo)



Fonte:Instagram @museuhiphoprs

Os fóruns tinham roteiro pré-estabelecido, definido pela equipe de pesquisadores, validados com a Equipe ACHE. Por mais estruturados que fossem, os fóruns eram executados de maneira experimental, o que também abria a possibilidade de constante avaliação da dinâmica e do instrumento usado no fórum. Basicamente, o fórum era conduzido por um membro da coordenação da Equipe ACHE e por um embaixador, que geralmente era uma referência do Hip Hop naquela região. Outros e outras hip hoppers entravam nas dinâmicas do fórum. Havia também nos bastidores pessoas responsáveis pelo suporte da sala de conversa online (*chat*) e também pela gravação. Eu como antropólogo me responsabilizei pela sistematização de cada fórum.

Figura 4 - Print de tela do Fórum Região Serra, cidade de Caxias do Sul

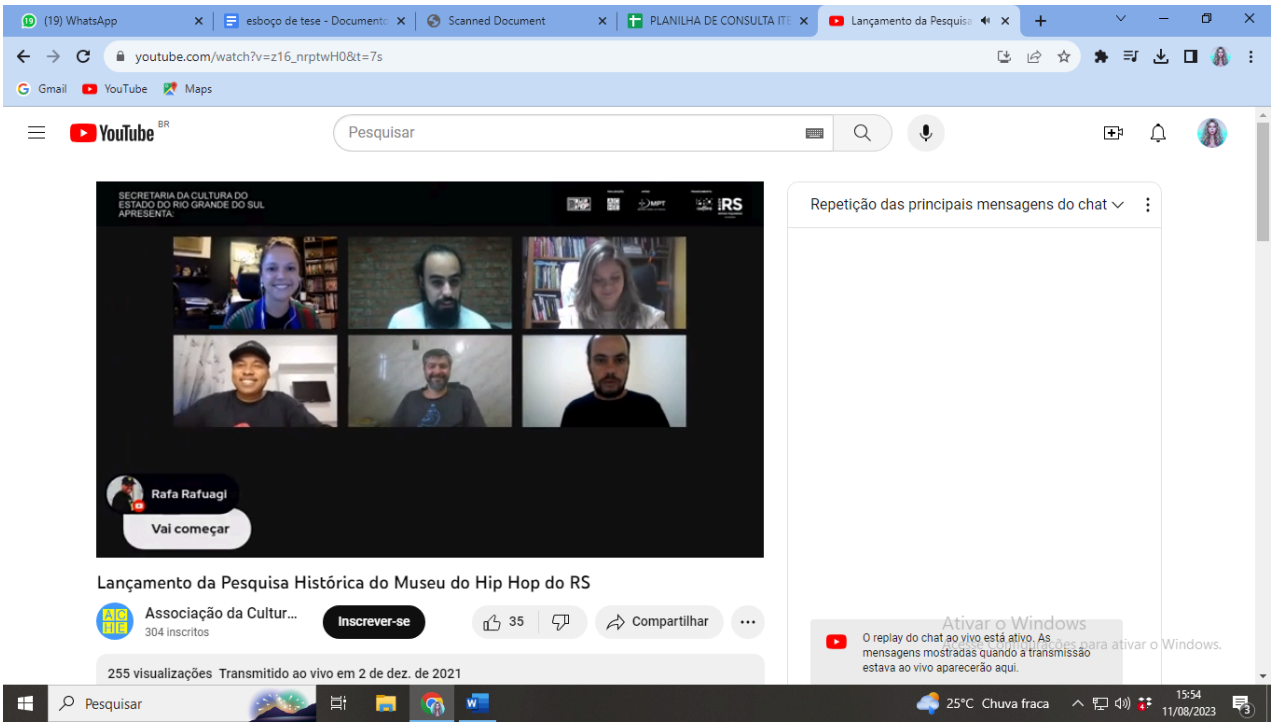


Fonte: Fonte: Arquivo pessoal (2021)

Depois de realizar essas duas primeiras etapas, chegamos na terceira e última, nomeada como pós-fórum. Na prática, serviu como um exercício de sistematização coletiva dos dados de cada fórum, da realização de pesquisa online com os embaixadores e participantes dos fóruns, complementando o cadastro de informações, com foco no levantamento inicial do acervo, perfil e trajetória dos protagonistas pesquisados. Foi feita também uma análise das postagens com as imagens coletadas durante o processo da pesquisa, chamada pela equipe de "Museu Insta", composta por publicações alimentadas no perfil do MUCHRS no Instagram @museuhiphoprs. Nessa terceira etapa, como devolutiva aos participantes, foram apresentados um relatório parcial e um relatório final da pesquisa histórica em eventos online. O relatório final foi apresentado e publicado pela equipe de pesquisa em um evento de lançamento online, transmitido na plataforma YouTube[19] no dia 2 de dezembro de 2021 e com 255 visualizações até 11 de agosto de 2023.

[19] Link da apresentação Pesquisa Histórica https://www.youtube.com/watch?v=z16_nrptwH0&t=409s

Figura 5 - Lançamento da pesquisa



Fonte: print YouTube perfil ACHE (2021)

Em números gerais, a pesquisa envolveu ao todo 410 hip hoppers (entre embaixadores cadastrados e participantes dos Fóruns, mais a equipe ACHE, incluindo os pesquisadores externos) de junho a novembro de 2021. Foram realizados 5 grupos focais (pesquisa exploratória) até junho de 2021, assim como 9 fóruns com 161 participantes entre julho e agosto de 2021. Contabilizamos 130 publicações no "Museu Insta" (análise de 50 publicações) entre agosto e novembro de 2021, com 366 embaixadores cadastrados nos 9 Fóruns entre julho e agosto de 2021. Chegando a 206 respondentes (50,7% dos envolvidos) na Pesquisa de Opinião Online entre junho e setembro de 2021. A seguir, serão apresentados alguns desses resultados.

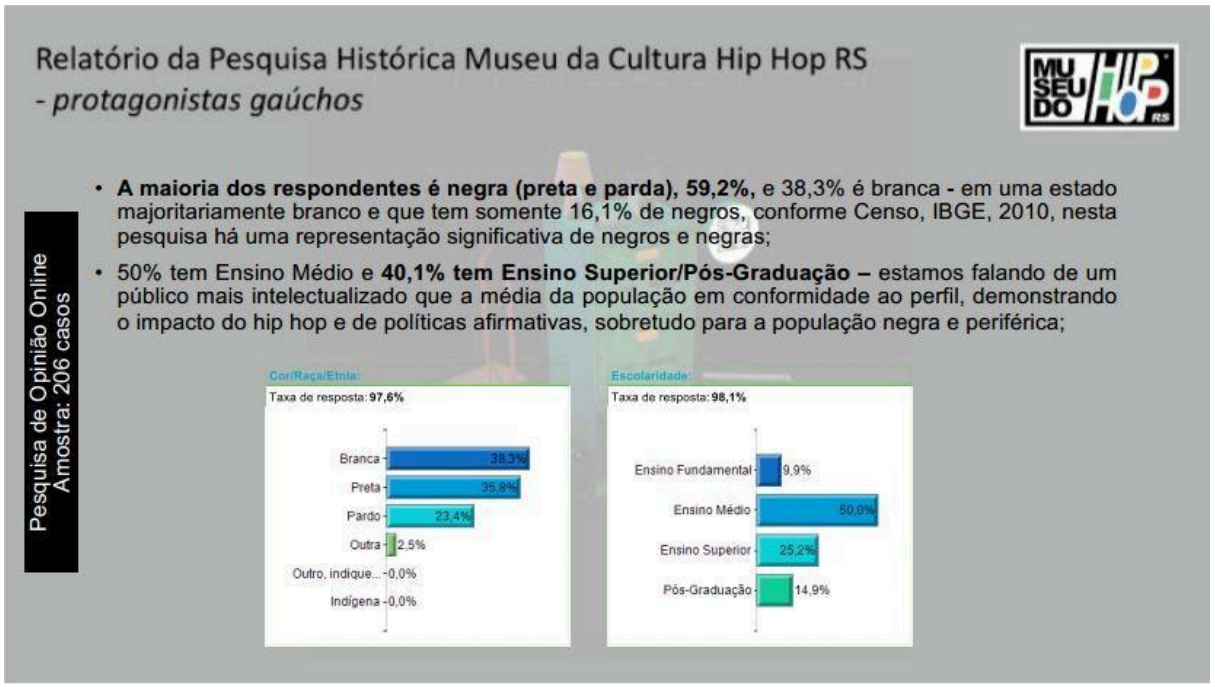
Figura 6 - Gráfico referente ao cruzamento de gênero por elemento do hip hop



Fonte: Pesquisa Histórica MUCHRS (2021)

No Gráfico acima percebemos a presença das mulheres mais no elemento Conhecimento, doque em todos os outros.

Figura 7 - Gráfico por raça e escolaridade para a amostra total



Fonte: Pesquisa Histórica MUCHRS (2021)

No gráfico acima observamos a maior presença de pretos e pardos em relação a população total do RS segundo o Censo de 2010 que era de 16,1%. Atualmente segundo o Censo de 2022 a população de negros e pardos no RS subiu para 21%., bem abaixo dos 59,2% da amostra realizada pela pesquisa do MUCHRS.

Sobre a escolaridade é importante destacar que nos anos 1990 havia um estigma de que no Hip Hop, (e de forma geral na população brasileira) seus ativistas só estudavam até a quinta série do ensino fundamental. Na década de 2020 o que se observa é um público hip hoper com a grande maioria com ensino médio completo ingressando no ensino superior e na pós graduação, Se trata por tanto de um público não somente alfabetizado, mas com qualificação em termos de formação, mostrando o impacto da luta por cidadania do movimento Hip Hop em pautar o tema da educação e das Ações Afirmativas para o público hip hoper no RS.

Um das provocações centrais dos fóruns era instigar e compreender a leitura dos hip hoppers sobre o Plano de Década. Pensado pelo Rafa Rafuagi em sua relação com hip hoppers de outros países, como a Colômbia surgiu a necessidade de trazer o conceito de Plano de Década. Nessa relação, ele se aproximou de organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU). A ONU trabalha com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), os quais devem ser planejados e alcançados em dez anos. Então, o plano de décadas, na pesquisa histórica do MUCHRS, se constitui como um instrumento de reflexão sobre a condição do Hip Hop hoje, projetando objetivos gerais e específicos a serem alcançados daqui a dez anos: onde e como o Hip Hop está e onde e como queremos que o Hip Hop esteja.

> [...] a gente quer multiplicar um Plano de Década. A casa é uma base porque é diálogo com a juventude; é uma espinha dorsal porque ela é informadora, sejam liderança já constituídas ou emergentes, e o museu é justamente o toco no sentido de preservação de memória e história, no sentido de que essas memórias inspirem outras gerações em sequência, não só na luta com buscar sua própria raiz. (Santos, 2022)
> [...] tem que estar atrelado no pensamento macro e sistêmico de um plano de década para que a gente possa fazer frente há alguns números negativos do Estado como o boom do encarceramento em massa da Juventude, como o encarceramento em massa da população negra, com a fome extrema nas periferias, principalmente nesse momento. Então acho que a gente tem que ter uma meta para uma casa do Hip Hop. Ela não serve simplesmente para a gente vir aqui dançar, brincar, dar risada. Ela tem um pensamento estratégico de articulação política da sociedade. (Santos, 2O22)

Essa relação do rapper Rafuagi com hip hoppers de outras regiões do Estado, do País e de outros países nos mostram a assertividade em compreender o Hip Hop como um movimento afro-diaspórico, entre outros fluxos. A cultura Hip Hop se coloca como um movimento que produz fluxos culturais repercutindo na circulação de manifestações artísticas culturais e também de pautas políticas globais. A pauta anti-racista de promoção da igualdade racial é sem dúvida uma das pautas

globais mais desafiadoras do século 21, onde o Hip Hop se encontra desde o seu surgimento como já colocada a partir do fluxo caribenho e estadunidense e sua chegada a partir da cultura negra através dos bailes blacks no Brasil e no RS. Cada fórum trouxe uma diversidade de compreensão e de projeção para o que vem a ser um plano de década para a sua região.

Quando os participantes do Fórum da região de Santo Ângelo foram provocados sobre o Plano de décadas, como projetam o movimento na cidade daqui a 10 anos, a resposta foi a de:

> [...] produzir de forma colaborativa desde conteúdo audiovisual (aulas, oficinas) distribuindo recursos; gerar renda para ativistas e artistas do hip-hop; manter o trabalho de base junto às escolas; organizar o movimento para cobrar do poder público recursos para os projetos do hip-hop; criar associações do hip-hop em cada município; fazer as leis e pressionar o poder público para executá-las; construir uma casa do hip-hop em Salto do Jacuí. **Fórum região de Santo Ângelo.**

No fórum de Santa Maria, no centro do Estado, a projeção é de:

> Fazer a casa do Hip Hop de Santa Maria; construir uma identidade para o hip-hop santa mariense; investir na arte de animação, como quadrinhos, desenhos animados e demais produções audiovisuais; fazer o primeiro estúdio para mulheres e para pessoas lgbtqi+; trazer emendas para investir nos projetos do hip-hop com foco na geração de renda, oficinas para gerar renda para periferia; incluir as mães e as crianças na cultura e nos espaços da hip-hop; não perder o amor próprio, não se auto-boicotar, não romantizar e embelezar a pobreza no hip-hop, fazer por amor e receber por isso, se valorizando. **Fórum Região de Santa Maria.**

Já no Fórum de Tramandaí, no litoral norte do Estado, o acúmulo sobre o plano de década trouxe a demanda por:

> [...] mais políticas públicas no litoral; mais acesso e menos burocracia para fazer eventos; Tramandaí necessita de uma casa de cultura para oficinas e dança; graffiti, disponibilizar artistas para atuar na região; fomentar a troca de saberes entre a cultura Hip Hop nas cidades da região; organização do movimento para implementação das leis vigentes; construir um centro de integração artística e cultural em Cidreira, com a participação do hip-hop da cidade. **Fórum região de Tramandaí.**

Observando a descrição do plano de década destas três regiões tomadas como exemplo, percebemos que há pontos gerais e específicos. Como pontos gerais, podemos descrever a perspectiva de construção de casas do Hip Hop, e de potencializar a cultura como sustentável a partir da geração de renda. Outra demanda geral é também de alcançar a equidade de raça, gênero e sexualidade dentro do movimento Hip Hop. Como pontos específicos, destacamos aqueles ligados à demanda por profissionais do Hip Hop, por políticas públicas e também a necessidade de auto reflexão dos hip hoppers.

O plano de décadas então é esse lugar de produção de reflexividade e perspectiva a partir de um olhar autocrítico para a situação atual do Hip Hop a nível local, regional, nacional e global. É um exercício de pensar a atuação de hip hoppers, de problematizar seu próprio ativismo e de como imaginam o Hip Hop nas próximas décadas.

Durante a realização da pesquisa histórica, foi formada pelas pesquisadoras e embaixadoras a *"Frente de Mulheres da Pesquisa"*, constituída por mulheres hip hoppers que fizeram denúncias em relação a hip hoppers homens que teriam agredidos mulheres do movimento: violências física, moral e psicológica foram citadas. Esse foi um momento de bastante tensão. Foram realizadas 3 (três) reuniões entre as hip hoppers vítimas de agressão, e a coordenação da pesquisa e da ACHE para acolher as denúncias das mulheres e tomar uma decisão em relação aos agressores e aos processos de seleção dos participantes dos projetos e comunicação da entidade e do Museu em relação ao tema. A primeira ação foi garantir um espaço de escuta e acolhimento para as vítimas de agressão. Depois, a ACHE fez uma carta compromisso com as seguintes diretrizes:

- Aprimorar os mecanismos de seleção das pessoas que trabalharão nos projetos realizados pela ACHE, com o intuito de evitar a contratação de pessoas com histórico de violência contra mulheres, misoginia, homofobia, transfobia, pedofilia, xenofobia e/ou racismo;
- Auxiliar na confecção de uma cartilha de enfrentamento à violência contra a mulher no movimento Hip Hop;
- Auxiliar na pesquisa e mapeamento da violência masculina no movimento;
- Garantir a diversidade de gênero e de outras invisibilidades na construção do Museu e de outros projetos da entidade;
- Construir um espaço físico e fixo no Museu para destacar os momentos negativos da história do hip hop do RS, tais como violências, preconceitos, desunião, desamparo, e suas respectivas ações de resistência ocorridas no decorrer dos anos na Cultura Hip Hop.

A experiência dos hip hoppers atuarem como pesquisadores no levantamento histórico da cultura Hip Hop no Estado do Rio Grande do Sul foi muito rica e interessante. Interessante reconhecer hip hoppers como pesquisadores da trajetórias de outros hip hoppers, alguns conhecidos, outros menos conhecidos. Inevitável supor que no exercício da pesquisa a própria trajetória foi refletida nesse processo. O MUCHRS elaborou uma tecnologia social de pesquisa engajada, cujo objetivo transcende a compreensão da história do Hip Hop no Rio Grande do Sul. O MUCHRS, ao coletar acervo pelo Estado e realizar grupos focais e fóruns virtuais, mobilizou a coletividade Hip

Hop a participar da construção do Museu. O movimento cultural Hip Hop tem o protagonismo e a autenticidade como princípios fundamentais; e na construção do Museu do Hip Hop do RS, não foi diferente.

A Pesquisa Histórica então foi o método pelo qual foi acessado as histórias, as trajetórias, e as características do público hip hoper no RS. Para produzir a materialidade da cultura Hip Hop no RS foi executado no ano de 2022 o projeto Na Estrada. Este projeto foi composto por uma equipe formada por membros da ACHE e um museólogo contratado para atuar tecnicamente na coleta e na catalogação do acervo. Para garantir a participação máxima possível, o Na Estrada foi distribuído em nove edições nas mesmas cidades dos fóruns realizados durante a Pesquisa Histórica, tal escolha facilitou o caminho para o recolhimento do acervo para o Museu, já que havia uma rede ativa, com referências locais e regionais, o que tornou o trabalho mais assertivo e menos dispendioso.

Figura 8 - Card do Museu Na estrada



Fonte: Instagram, @neidmar_alves, 2022. https://www.instagram.com/p/CcrMt-xA2V_/

Cada edição do *Na Estrada* era articulada entre a equipe do projeto e hip hoppers de cada região e da cidade sede escolhida para abrigar o evento, identificados na pesquisa histórica.

Podemos observar que há formas diferentes de se comunicar com o público. Abaixo, destacamos algumas chamadas para eventos do projeto no perfil oficial do MUCHRS na rede social *Instagram*:

> "*O @museuhiphoprs está chegando na Região Sul do Rio Grande do Sul no dia 23 de abril (sábado) das 14h às 22h. Estaremos no Bistrô da Secult na Rua Coronel Pedro Osório n° 2 (entrada em frente ao Teatro Guarany) em Pelotas, para celebrar a Cultura Hip Hop gaúcha e arrecadar o acervo que irá compor a exposição de inauguração do Museu da Cultura Hip Hop RS.*
> ➡️ *Você possui ou conhece alguém que possua itens para compor o acervo do Museu?!*

> 📚 *Geral da Região Sul pode participar em Pelotas. Tirem da gaveta seus históricos no Hip Hop (fotos, jornais, livros, pendrive, vídeos, vinis, fanzines, toca-discos, tênis, casacos, latas, entre outros) e vejam a melhor forma de somar, doando, emprestando ou fazendo cópias dos ítens de modo organizado para o catálogo.*
> ✅ *O projeto Na Estrada Museu da Cultura Hip Hop RS é capitaneado pela @achesteio com apoio do @mpt.rs, em articulação com 20 coletivos da Cultura Hip Hop RS, entre eles, desta vez, a @stayblackco e a Associação da Cultura Hip Hop de Pelotas. A ação busca reunir hip hopper's das macro regiões do Estado do Rio Grande do Sul nas cidades satélites de Passo Fundo, Caxias do Sul, Pelotas, Tramandaí, Santo Ângelo, Esteio, Santa Maria, Santa Cruz do Sul e Porto Alegre, circulando mais de 1500 km em articulação com muitos outros diversos coletivos de cada região, em cronograma de 02 de abril à 04 de junho de 2022, sempre aos sábados e domingos, conforme agenda:"* Chamada Na Estrada, edição Pelotas.
> "*O que é acervo? O teu histórico da Cultura Hip Hop RS, registrado em fitas k7, dvds, flyers, roupas, CDs, toca discos, vinil, fotos digitais, dentre muitos outros ítens, que com certeza tu tem em casa, e que agora tem a oportunidade de expor para mais de 15 mil jovens visitantes que teremos no primeiro ano do Museu da Cultura Hip Hop RS.*
> *Nos encontros do projeto Na Estrada, estaremos com estrutura para receber arquivos físicos e digitais, como também para converter arquivos para o digital, além de caixas armazenadoras para quadros, telas, posters, dentre outros ítens."* Chamada Na Estrada, edição Tramandaí.
> "*Prontes para contar e ser parte da história? Isso mesmo Serra gaúcha, o @museuhiphoprs vai estar neste sábado escutando, catalogando e recolhendo acervo para o primeiro museu do Hip Hop da América Latina, que vai estar localizado em Porto Alegre!*
> Então avisa, marca aqui aquele representante ativo ou ativa da cena, aquele amigo que juntes vivenciaram muitos momentos nos anos 80, 90, 2000 em diante! Pois é, essas pessoas são de suma importância, pois abriram caminhos, portas e fizeram por nós ser o que essa cultura é! Em tempos onde o Hip Hop era ainda mal interpretado e visto não com os olhos que vemos hoje!
> *Bora então? Amanhã sabadão na @fluenciacasahiphop com início às 14h, uma jam com DJs, Mcs, Writers, B.boys / B.Girls e todes simpatizantes celebrando e contando o que viveram."* Chamada Na Estrada, Caxias do Sul. (@museuhiphoprs, 2022)

O Na Estrada se constituía como um grande evento de Hip Hop contando com os cinco elementos da cultura. Onde ao som de Djs, Mcs, na dança do breaking, nos graffitis sendo produzidos durante o evento, animado também por batalhas de conhecimento o público hip hoper doava o seu acervo para a equipe de museologia. Era um momento de encontro e reencontro entre gerações de hip hoppers onde muitos não se encontravam a muitos anos. Pode-se afirmar que todas as nove edições do Na Estrada propiciaram a Cultura Hip Hop a possibilidade de reconhecimento histórico através do acolhimento do acervo pessoal e coletivo de hip hoppers e de encontro e mobilização da cultura Hip Hop no RS.

Figura 8 – Na Estrada, Edição Porto Alegre. O de boné branco é o Fúlvio, museólogo, recolhendo o acervo para o MUCHRS, quem está doando é o MC Mano Oxi, de boné preto, ao lado dele o MC Seguidor F.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Através do Na Estrada foram coletados mais de cinco mil itens. Os itens doados eram variados: peças de vestuário, livros, zines, revistas, cds, discos de vinil, aparelhos eletrônicos, quadros grafitados, esboços de letras, de coreografias de dança, de palco, entre outros itens. A modalidade de doação também era variada, com os itens podem ser doados definitivamente, e ou por empréstimo. Eu participei da edição do Na Estrada em Porto Alegre, e em um determinado momento substituí um dos

responsáveis pela coleta do acervo que saiu para almoçar, foi uma experiência muito interessante de como classificar cada item doado para o Museu a partir do relato do e da hip hopper que estava doando uma parte da sua trajetória na Cultura Hip Hop. O MUCHRS ganhou força nos últimos anos, mobilizando a coordenação da ACHE, bem como o movimento Hip Hop do Rio Grande do Sul, onde o reconhecimento e a promoção da pluralidade expressa na cultura é um desafio que se coloca para o movimento Hip Hop no presente. Este é o fruto justamente da sua capacidade de

autocrítica, mobilizando para equilibrar essas questões de equidade, principalmente de gênero e raça.

Nessa minha inserção no Museu eu iniciei trabalhando como pesquisador na pesquisa histórica que vimos anteriormente. Após a pesquisa histórica encerrada, eu iniciei um segundo trabalho como pesquisador para compreender e sensibilizar a vizinhança do Museu em relação ao projeto do MUCHRS que chamamos de *Pesquisa de Vizinhança*. A equipe foi composta por cinco pessoas, da área de áreas das humanidades como as Ciências Sociais e Comunicação. A pesquisa durou alguns meses e nos possibilitou conhecer a vizinhança da região e acessar alguns equipamentos públicos da região ligados a área da educação, saúde e assistência social.

Muitos vizinhos do entorno do MUCHRS se interessaram pelo projeto e se tornaram parceiros, apoiando e participando das atividades propostas. Basicamente a equipe batia de porta em porta informando sobre a criação do MUCHRS no bairro e coletando o contato de quem se dispusesse a dar. Com esses contatos criamos um grupo de WhatsApp com a vizinhança (grupo ativo até hoje) para facilitar a comunicação e informar sobre os eventos do MUCHRS. Finalizamos esta pesquisa com uma reunião com as vizinhas interessadas em conhecer mais detalhes do MUCHRS. A reunião serviu para tirar dúvidas das vizinhas e gerar uma espécie de protocolo de ações para manter uma relação harmônica com a vizinhança, como o horário de som durante os eventos por exemplo.

Após o término da pesquisa de vizinhança iniciei uma outra frente de trabalho como horticultor na Estufa Agroecológica Flor do Gueto. A estufa foi viabilizada a partir de um recurso disponibilizado pelo Ministério Público do Trabalho via Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). A proposta da estufa é produzir alimentos de forma agroecológica, gerando renda contribuindo com a sustentabilidade do Museu. No projeto da estufa, a ideia era plantar morangos devido ao valor agregado desse cultivo. Porém, devido ao alto custo das mudas dessa cultura, decidimos plantar hortaliças. Logo, na estufa (Figura 16), são produzidas alface, rúcula, cebolinha e salsa.

A estufa foi inaugurada oficialmente no final de 2022, além de produzir alimentos orgânicos sem uso de agrotóxicos, também se mostrou e se mostra um espaço potente de diálogo e aproximação com outros públicos que não são admiradores e nem ativistas da cultura e do movimento Hip Hop. Minha atuação como antropólogo e como pesquisador na pesquisa de vizinhança facilitou a comunicação com os vizinhos. A Estufa então foi o primeiro elo com a comunidade do bairro Vila Ipiranga, na zona norte de Porto Alegre, onde está situado o MUCHRS. A estufa chamou a atenção de uma moradora do prédio ao lado do Museu. Essa vizinha cuida de uma horta mantida por ela em uma área comum do condomínio. Então eu comecei a dialogar com

ela sobre modos de plantio, cultivos etc, em uma troca direta. Quando eu falei para ela que a intenção era de produzir morangos orgânicos, ela prontamente ofereceu uma muda de morango para plantar na estufa. Eu aceitei e ofereci a ela mudas de plantas cultivadas na estufa. Essa relação fez com que outras pessoas da comunidade se aproximassem do Museu. Aí era criada a oportunidade para falar sobre a Cultura Hip Hop, desconstruindo esteriótipos sobre o Hip Hop e seu público.

Atualmente, a estufa do MUCHRS está se inserindo em uma ampla rede ligada ao Fórum da Agricultura Urbana de Porto Alegre (FAUPOA) que conta com a parceria institucional do Conselho de Segurança Alimentar do RS (CONSEA/RS). O desafio atual é inserir a produção da estufa nas políticas públicas ligadas ao abastecimento de alimentos para a segurança alimentar, como o Programa de Aquisição de Alimentos do Governo Federal.

O Museu da Cultura Hip Hop RS opera como o grande espaço mobilizador da cultura e do movimento Hip Hop no Estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de um Museu construído na filosofia do "Nós-Por-Nós", ou seja, foi construído por hip hoppers para hip hoppers e também para pessoas que não estão envolvidas diretamente com o Hip Hop.

Podemos pensar que o MUCHRS é um museu comunitário, diferente de outros museus pelo mundo, onde muitas peças de acervo foram adquiridas em contextos coloniais, de dominação, exploração e genocídio, colocando a história de povos colonizados a partir de uma narrativa pretérita, sem nenhuma perspectiva de reconhecimento, de promovê-la e vivenciá-la. O acervo do MUCHRS foi doado por livre iniciativa dos e das hip hoppers. As pessoas doaram seu acervo pessoal para o MUCHRS porque querem ter suas histórias preservadas e visibilizadas, contribuindo para a compreensão do que vem a ser a história, o presente e o futuro da cultura e do movimento Hip Hop no RS. Nesse sentido, o MUCHRS está permanentemente aberto para receber acervo de hip hoppers que desejam que suas histórias e bens materiais façam parte do MUCHRS e da Cultura Hip Hop.

O Papel da Pesquisa na Continuidade do MUCHRS

Após a inauguração do MUCHRS eu voltei a atuar como pesquisador no Museu. A equipe de pesquisa atual conta comigo, Diogo, como pesquisador em campo, e a Aline Kerber do Instituto Fidedigna, que coordenou a pesquisa histórica, já citada anteriormente. Construída a partir das demandas e conjuntamente com a Coordenação da ACHE, foram elaboradas pesquisas para o público do MUCHRS, categorizados como público institucional e o público individual . O objetivo central destas pesquisas é avaliar o nível de satisfação do público e o impacto gerado pelo

equipamento MUCHRS. São avaliadas, desde a infraestrutura, passando pelos espaços expositivos, até as atividades sócio-educativas oferecidas nas visitas guiadas pelo MUCHRS. A pesquisa é feita via formulário do Google Forms, onde cada link foi gerado um qrcode, disponibilizado durante as atividades do Museu.

A pesquisa de satisfação institucional é respondida pela pessoa responsável da instituição visitante no dia da visita. Ela responde após a finalização da visita guiada. A pesquisa de satisfação de público individual, da mesma forma que a anterior, é disponibilizada para responderem depois da visita guiada a partir de um qrcode disponibilizado no final da experiência. Há também uma pesquisa de satisfação em relação aos eventos realizados no MUCHRS, e outra pesquisa para avaliar os cursos dos Cinco Elementos da Cultura Hip Hop oferecidos pelo Museu.

Tabela 1 - Pesquisa de Satisfação:

Tipo de Pesquisa	Público da Pesquisa	Objetivo da Pesquisa
Pesquisa de Avaliação Institucional	**Responsável pela Instituição durante a visita ao MUCHRS.**	**Acessar a compreensão da instituição visitante em relação ao trabalho realizado pela equipe de trabalho, a infraestrutura.**
Pesquisa de Avaliação Individual	**Público visitante.**	**Avaliar e acolher a compreensão do público geral sobre o MUCHRS.**
Pesquisa de Eventos	**Público visitante.**	**Avaliar e acolher a compreensão do público geral sobre os eventos realizados pelo MUCHRS.**
Pesquisa de Satisfação dos Cursos 5 Elementos	**Público matriculado nos cursos oferecidos pelo MUCHRS.**	**Avaliar e acolher a compreensão do público que frequenta os cursos oferecidos pelo MUCHRS.**

Fonte: Diogo Raul Zanini (2025)

As pesquisas de satisfação se baseiam na possibilidade de avaliar em tempo real a compreensão do público que frequenta o MUCHRS e suas atividades.

Eu fui o responsável por garantir que a pesquisa fosse respondida pelas instituições e pelo público individual nas visitas guiadas e durante os eventos. Mais de 300 instituições visitaram o MUCHRS entre fevereiro de 2024 a abril de 2025 e responderam o formulário de pesquisa de satisfação. Em relação ao público individual foram contabilizadas mais de 1200 respostas no mesmo período. Desde o mês de maio estou comprometido em sistematizar os dados destas pesquisas junto com a Aline, a previsão de entrega do relatório final desta primeira fase de avaliação está prevista para o início de setembro deste ano (2025).

Trabalhando à 23 anos com a cultura e o movimento Hip Hop já experimentei diversas perspectivas de atuação. Atuei e atuo em projetos como o Seminário do Hip Hop na UFRGS[20] que eu idealizei em 2015 e que este ano chegará a sua 6ª edição. Enquanto me envolvia com as pesquisas no MUCHRS participei da elaboração e sistematização da justificativa para a *Lei Ordinária nº 15.881, de 29 de julho de 2022, que declara a cultura Hip Hop como de relevante interesse cultural estadual, em todas as suas manifestações*. Compreendo a aplicação da Antropologia aos movimentos sociais, entre outros setores da sociedade, notadamente no Brasil, como fundamental para o fortalecimento e cooperação recíproca entre as áreas da Antropologia e do pensamento social brasileiro.

Podemos analisar o MUCHRS como um programa político-cultural do movimento Hip Hop, destacando a relação da educação empreendida no Museu como uma educação emancipadora própria dos movimentos sociais. Maria da Glória Gohn (2013) analisa os movimentos sociais e as diversas lutas no Brasil, trazendo a luta por uma cidadania coletiva como elemento comum e central nesses movimentos. O termo cidadão já foi sinônimo de elitismo e exclusividade. Atualmente, a noção tem um caráter mais coletivista e específico, conforme cada movimento assim o reivindica. Nas palavras da autora:

> O cidadão coletivo presente nos movimentos sociais reivindica baseado em interesses de coletividade de diversas naturezas. Assim, temos grupos de mulheres que lutam por creches, grupos de favelados que lutam pela posse da terra, grupos de moradores pobres que lutam pelo acesso a algum tipo de moradia, etc. Junto com as demandas populares - de forte conteúdo social por expressarem o lugar que ocupa no processo da divisão do trabalho, a exploração e espoliação a que são submetidos, e a ausência de direitos sociais elementares -, encontramos demandas advindas de grupos não tão explorados do plano de produção ou dos direitos humanos, vida, saúde, educação, e moradia, mas igualmente expropriados no plano de seus direitos civis de liberdade, igualdade, justiça, e legislação. Temos assim os grupos que lutam pelo exercício da Cidadania dos negros, homossexuais, mulheres pela paz, em defesa da ecologia, etc. (Gohn, 2012, p. 8)

[20] O Seminário é um espaço de integração entre o pensamento social e o pensamento acadêmico, maiores informações em: https://www.instagram.com/seminariohiphop/
https://www.ufrgs.br/site/noticias/v-seminario-do-hip-hop-na-ufrgs-celebra-meio-seculo-de-cultura/

A antropóloga Nilma Lino Gomes (2019) afirma que "o Movimento Negro é um educador", de modo que, através de uma ressignificação afirmativa da noção de "raça", enfrenta o racismo e as desigualdades produzidas por ele.

> Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. Muito do conhecimento emancipatório produzido pela sociologia, antropologia e educação no Brasil se deve ao papel educativo desempenhado por esses movimentos, que indagam o conhecimento científico, fazem emergir novas temáticas, questionam conceitos e dinamizam o conhecimento. (Gomes, 2019, p. 16)
>
> Uma coisa é certa: se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização - com todas as tensões, os desafios e os limites -, muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. E nem as políticas de promoção da igualdade racial teriam sido construídas e implementadas. (Gomes, 2019, p. 18)

Então o MUCHRS pode ser considerado como um equipamento cultural afrocentrado. Onde a partir dele e das histórias da Cultura Hip Hop que ele traz podemos mergulhar na história do povo afrodescente no RS e no Brasil. Estamos diante da concretização de políticas de realização e transfiguração (Gilroy 2001), onde se tornou possível, e materialmente real a possibilidade de viver a partir de uma cultura afrodiaspórica no mundo (Hall 2003).

Para Gilroy, o ser negro passa pela construção de um sujeito simbolicamente aberto para múltiplas formas de subjetivação no mundo contemporâneo e globalizado. Um ser negro que clama por justiça e pela desracialização do mundo. Há então dois mundos: o mundo real racializado, e o mundo que se pretende construir, portanto, trata-se de um mundo utópico. A construção de um mundo sem uma racialização subordinadora, por meio da construção de uma *"política de realização"*, a qual busca a efetivação de uma *"promessa social e política que a sociedade presente tem deixado irrealizada"* (GILROY, 2001, p. 95). Esse tipo de política se faz como uma comunicação discursiva e pode ser berrada, gritada ou cantada.

Quando um rapper canta uma letra para um determinado público, que o escuta, afirmando sua condição de negro no novo mundo, propondo o que pode ser feito para desracializar o contexto em que ele está inserido, está produzindo uma política de realização, utópica, mas reconhecida em seu meio como algo necessário na luta contra o racismo. Gilroy propõe uma política complementar a esta que acabamos tratar, a política de transfiguração. A transfiguração estaria no surgimento de desejos, em vivenciar outras formas possíveis de relações sociais, e solidariedade entre a

comunidade racial interpretando a sua situação e a de seus opressores. Ela pode ser dançada, cantada, pintada, ela se transfigura a partir de suas expressividades.

As políticas de realização e transfiguração se complementam, enquanto a primeira ensaia o discurso e a narrativa a serem expressos, a segunda oferece a materialidade dessa utopia proposta no discurso e nas expressões artísticas. Neste sentido podemos refletir a criação do Museu da Cultura Hip Hop RS como um espaço de materialização de utopias, viabilizando a preservação e fomento dos elementos, e artivistas da cultura Hip Hop. No MUCHRS vivenciamos a efetivação de um projeto concreto frente as adversidades em um mundo racista e desigual para vários segmentos. E a Antropologia, através de seus pares, tem contribuído neste processo de efetivar utopias em um mundo distópico para as populações e povos historicamente subalternizados e que atualmente se colocaram em um lugar de protagonismo, se tornando o centro de suas próprias decisões e projetos de futuro. O plano de década objetiva bem a missão utópica para o movimento Hip Hop. A ACHE e o MUCHRS, bem como outras entidades e organizações do Movimento Hip Hop como a Alvo Cultural[21], e o Galpão Cultural[22], são representações reais dessa estruturação. Proponho a Antropologia também fazer esse exercício de se pensar estrategicamente para as próximas décadas, e uma forma oportuna e enriquecedora de realizar esta tarefa é se colocando a disposição dos movimentos sociais, aprendendo e contribuindo com o seu fortalecimento e sua existência.

[21] A Alvo Cultural é uma entidade do Hip Hop que completou 20 anos de fundação este ano. Ela foi a primeira entidade que fomentou a formação de educador do Hip Hop no RS. Atualmente a Alvo executa cursos dos Cinco Elementos do Hip Hop no MUCHRS através de uma paceria com o SESC.

[22] O Galpão Cultural é uma casa do Hip Hop situada no Morro da Cruz, em Porto Alegre, idealizado pela rapper e mestra em educação pela UFRGS, Jaqueline Trindade Pereira, a Negra Jaque.

Referências

BRUCE, Albert. *Antropologia aplicada ou "antropologia implicada"? Etnografia, minorias e desenvolvimento*. Revista de Antropologia da UFSCAR, R@U, 14 (2), : 179-217 jul./dez. 2022.

GILROY, P. *O Atlântico Negro.* Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro, ed. 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos. p. 427. 2001.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos Sociais e Educação*. 8ª ed. São Paulo. Ed. Cortez, 2012.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.* Petropólis, RJ. Vozes, 2017.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: *Da Diáspora:* identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: UNESCO, p. 434. 2003.

MAFFIOLETTI, C de A. *Retomando a Nossa Esquina. "O Movimento Hip Hop e suas formas de fazer política em Porto Alegre"*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS.2013.

ZANINI, Diogo Raul. *O Quinto Elemento do Hip Hop:* O Percurso dos Manos do Bairro Mário Quintana em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. PPGANT/UFPel. 2017.

ZANINI, Diogo Raul. *MOVIMENTO HIP HOP:* Socializando a Cultura como um Trabalho Emancipador. Tese de Doutorado. PPGEDU/UFRGS. 2023.